



Circulação e Recirculação no Jornalismo em Rede: Narrativas no Twitter sobre o exoesqueleto na abertura da Copa de 2014

Gabriela da Silva Zago

Resumo: O trabalho tem por objetivo analisar a estrutura de rede das narrativas no Twitter em torno do reduzido espaço concedido ao exoesqueleto na abertura da Copa de 2014. Para tanto, parte-se de considerações sobre o jornalismo em rede e sobre os processos de circulação e recirculação nos sites de rede social. O estudo é operacionalizado a partir do emprego de análise de redes sociais para observar um conjunto de 5.056 tweets sobre o acontecimento. Resultados trazem elementos para compreender o cenário contemporâneo do jornalismo em rede, em especial no contexto dos sites de rede social.

Palavras-chave: jornalismo; redes sociais; circulação; recirculação; Twitter.

1. Introdução

Antes do início da Copa, abriu-se uma seleção para saber quais, das cidades-sede, receberiam as cerimônias de abertura e de encerramento da Copa. Para a abertura, escolheu-se a cidade de São Paulo. Uma grande expectativa foi criada em torno de como seria a abertura, e quais atrações estariam ou não presentes durante a cerimônia. Dentre as atividades previstas, estava o chute inicial da Copa, a ser dado por um paraplégico usando um exoesqueleto desenvolvido com pesquisa nacional.

A decepção foi grande quando, além do tempo extremamente exíguo reservado para a atividade, a cena foi simplesmente cortada durante a transmissão ao vivo da principal

emissora de televisão do país, a Rede Globo. Ao invés de mostrar o pontapé inicial da Copa, o canal transmitiu a chegada do ônibus da seleção brasileira ao estádio. A insatisfação com o acontecimento foi narrada, dentre outros espaços, nos sites de rede social.

Com base nesse contexto, o presente artigo tem por objetivo analisar a estrutura das narrativas no Twitter em torno do reduzido espaço concedido ao exoesqueleto na abertura da Copa de 2014. Para tanto, apresenta um referencial teórico que aborda a perspectiva de um jornalismo em rede (HEINRICH, 2011; RUSSELL, 2011) em que diferentes nós atuam na produção e circulação de conteúdos, e considera a possibilidade de participação do público nos processos de circulação e recirculação de conteúdos jornalísticos. A análise de redes sociais é usada como aporte metodológico para estudar um recorte de 5.056 tweets sobre o assunto. Após identificar nós centrais e conteúdos postos em circulação, conclui-se que o jornalismo se articula cada vez mais como uma rede a partir das contribuições de múltiplos atores ao processo jornalístico.

2. Jornalismo em rede

Em termos estruturais, uma rede é composta por nós conectados por arestas. Os nós podem representar discursos, indivíduos (atores), lugares, ao passo que as arestas representam os elos que conectam esses nós, como a relação de uso na mesma frase, laços sociais estabelecidos entre os indivíduos, ou estradas que ligam um lugar a outro. Em essência, uma rede é emergente, forma-se de baixo para cima: não há uma autoridade central impondo regras e limites para a sua criação e formação. Para Castells (1999, p. 499), “redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos”. Por conta de seu potencial democrático, a metáfora de rede tem sido empregada para descrever diversas instâncias do contemporâneo, das organizações em rede (GAMEIRO, 2008) ao jornalismo em rede (HEINRICH, 2011; RUSSELL, 2011).

Neste trabalho, a expressão “jornalismo em rede” é utilizada para se referir à atual configuração do jornalismo contemporâneo, baseado na metáfora de rede e associado a

conceitos de redes sociais (RECUERO, 2009), no qual diversos atores contribuem, com pesos e conexões diferentes, enquanto nós produtores e/ou circuladores de notícias.

Em um contexto de Web 2.0 e convergência, a própria estrutura do jornalismo se altera. Heinrich (2011) propõe o modelo de um jornalismo em rede para explicar a complexa relação entre diferentes fontes, produtores e disseminadores de informação do jornalismo contemporâneo. Nesse contexto, os veículos jornalísticos, ao lado de blogs, interagentes, e outros meios alternativos, seriam nós numa complexa e densa rede de informações (Figura 1). “Com um crescente número de distribuidores de notícias entrando na cadeia de produção jornalística, a troca de informações está se tornando uma conversação interativa” (HEINRICH, 2011, p. I). Novos atores entram em cena, tanto na produção quanto na circulação de notícias.



Figura 1. Representação esquemática da relação entre os atores num contexto de jornalismo em rede.

A Figura 1 procura estabelecer uma representação esquemática de como esses diferentes canais midiáticos se entrelaçariam no contexto do jornalismo em rede. Um

conteúdo visto na televisão pode ser comentado em tempo real pelo Twitter, num consumo simultâneo constantemente referido como “segunda tela” (ou seja, usar celular ou tablet enquanto assiste televisão; o dispositivo móvel seria, assim, uma segunda tela em relação à televisão). Esse conteúdo visto originalmente na televisão e tuitado em tempo real pode ainda suscitar uma conversa com um amigo em um mensageiro instantâneo, gerar posts, comentários, curtidas e compartilhamentos no Facebook, influenciar a produção de reportagens no jornal impresso e até mesmo levar à produção de críticas na imprensa especializada, as quais, por sua vez, poderão novamente ser comentadas, curtidas e compartilhadas nos sites de rede social. Essas múltiplas relações entre conteúdos, produtores e circuladores de notícia demonstram as complexas propriedades combinatórias de um jornalismo em rede.

Uma representação do processo na forma de rede pode ser vista como uma simplificação de algo complexo. A ideia aqui não é simplificar, mas tentar representar graficamente a complexa relação existente entre meios e públicos. Uma rede é complexa em sua natureza; para estudá-la, é preciso fazer um recorte e um retrato de um momento, ainda que isso implique em perder parte das dinâmicas sociais envolvidas no caráter processual das redes. O grafo representa, assim, um retrato da rede em um determinado momento, mas é incapaz de capturar o todo. Em síntese, não basta o grafo (PRIMO, 2013), ainda que este possa servir como guia e ponto de partida para se observar a rede.

No jornalismo em rede, os usuários são cada vez mais ativos. Não apenas consomem informações: também comentam, avaliam, recomendam, compartilham links, dentre outras atividades. Cada vez mais o leitor passa a exigir que o jornalismo seja mais interativo, mais conversacional. E isso demanda dos jornais uma produção mais voltada para os interesses e perfis de seu público. Para Mancini (2011, p. 42), “A audiência recebe o conteúdo que lhe interessa sem importar os canais de distribuição que um meio de comunicação utilize ou queira fortalecer. A circulação está totalmente fora de controle tal e qual era entendida durante o século passado”.

Nesse cenário, surgem novas funções e atividades para o jornalismo:

A facilitação da conversação com usuários e a inclusão de recursos de interatividade tem se tornado uma parte inevitável da produção jornalística na esfera do jornalismo em rede e como administrar essas conversações online é apenas uma das tarefas emergentes com as quais as organizações jornalísticas terão que lidar (HEINRICH, 2011, p. 179).

Em sentido semelhante, para Mancini (2011), o futuro do jornalismo estaria no investimento na experiência do usuário no contexto do consumo, e isso pode se dar através da criação de produtos jornalísticos facilmente compartilháveis e personalizáveis, remixáveis e reelaboráveis.

Ainda que possamos ver o jornalismo como uma rede complexa de diferentes atores que contribuem para apuração, produção e circulação de notícias, o peso e o papel desses atores varia conforme o acontecimento jornalístico sendo noticiado. Independente da proporção do acontecimento, todos os tipos de atores da rede contribuem para o espalhamento da informação, tanto a partir da postagem de links, quanto a partir da postagem de comentários ou avaliações acerca dos acontecimentos, os quais, ao serem acessados, contribuem para a circulação de narrativas sobre o acontecimento que suscitou a notícia.

3. Circulação e recirculação jornalística nos sites de rede social

A contribuição do público para a circulação jornalística – ou, em outros termos, a recirculação jornalística (ZAGO, 2011) – decorre de um contexto de mídia espalhável (JENKINS; FORD; GREEN, 2013), em que a mídia tradicional não mais detém o monopólio exclusivo de fazer circular conteúdos através dos meios de comunicação – outros atores podem contribuir para essa circulação, de múltiplas formas.

Um dos espaços em que essa coexistência de modelos de circulação e recirculação se torna mais visível é nos sites de rede social. Nesse contexto, sites de rede social são espaços da web que permitem a articulação de conexões através de perfis de identificação única que interagem através de fluxos de conteúdos fornecidos por suas conexões no site (ELLISON; BOYD, 2013). Isso pode ser observado, por exemplo, em sites como

Facebook e Twitter. Enquanto no Facebook cada usuário possui um perfil, pode adicionar amigos e postar e interagir com mensagens de seus contatos no *Newsfeed*, no Twitter cada usuário pode criar um perfil, escolher quem seguir, e interagir com conteúdos de sua *timeline*. As características desses espaços trazem elementos que contribuem para a circulação e recirculação de conteúdos – pode-se reproduzir informações postadas por outros usuários (como no retweet e no compartilhamento) e avaliar conteúdos (através de comentários, replies ou curtidas).

Sites de rede social surgem em um contexto de Web 2.0, e, como tais, constituem um subtipo de mídia social (ELLISON; BOYD, 2013). Assim como conteúdo gerado por consumidor e plataformas de compartilhamento de conteúdo, os sites de rede social correspondem a um tipo específico de mídia social com características próprias (VAN DIJCK, 2013).

Nos sites de rede social, a relação do jornalismo com seus públicos se altera. Para Chamusca & Carvalho (2013, p. 79), público é todo grupo que influencia ou é influenciado pela organização, em algum grau, direta ou indiretamente”. Ainda que toda organização tenha múltiplos públicos, os “públicos devem ser agrupados pelas suas especificidades e, portanto, devem ser o mais segmentado possível” (CHAMUSCA; CARVALHAL, 2013, p. 85).

Nesse contexto, neste trabalho, o termo “públicos” é utilizado para se referir ao conjunto de interagentes que se relaciona com o jornal ao longo de suas etapas, podendo incluir tanto consumidores de notícias quanto indivíduos que servem de fontes para as notícias. A parcela do público que mais interessa ao presente trabalho é composta por leitores do jornal, mais especificamente aqueles leitores que atuam, eventualmente, como recirculadores de conteúdo, ao filtrar, comentar ou avaliar notícias em sites de rede social.

Assim, na internet, o público pode participar de diversas formas em diferentes momentos do processo jornalístico, tanto como fonte e produtor de informação, quanto como compartilhador e receptor de notícias (MAGALHÃES, 2012). Essa participação pode se dar também de forma indireta. Por exemplo, as preferências do público podem ser levadas em conta na hora de decidir os conteúdos que receberão destaque na página inicial de um jornal

online (AGUIAR; BARSOTTI, 2012; BARSOTTI, 2012; VU, 2013). Especificamente nos sites de rede social, a atuação do público também pode contribuir para determinar a visibilidade de notícias (ZAGO; BASTOS, 2013).

Dentre os inúmeros papéis que o público pode desempenhar, destaca-se o de recirculador de conteúdos. De forma a operacionalizar o presente trabalho, considera-se que a rede do jornalismo em rede pode ser constituída a partir de todos os nós que contribuem, de alguma forma, para a circulação de conteúdos jornalísticos. Nesse sentido, ao tuitar sobre um determinado tema, um usuário está contribuindo para a narrativa em torno desse acontecimento ao fazer recircular a informação ou algum de seus desdobramentos. À luz da noção de jornalismo em rede, ao invés de recortar o tema a partir de um veículo, busca-se tentar compreender a circulação a partir do conteúdo que circula em torno de um acontecimento jornalístico, independente de seus produtores ou circuladores.

4. Análise das narrativas no Twitter em torno do exoesqueleto

A seguir apresentam-se os procedimentos adotados na análise da estrutura da rede das narrativas no Twitter em torno de um acontecimento específico: o pouco destaque conferido ao exoesqueleto na abertura da Copa de 2014.

4.1 Procedimentos metodológicos

O trabalho, de caráter exploratório, utiliza como método a análise de redes sociais, buscando compreender as estruturas de circulação das narrativas sobre o acontecimento estudado no Twitter.

Para a coleta e análise dos dados, foram usados os softwares NodeXL e Gephi. O NodeXL é um plugin para Excel que permite coletar, analisar e visualizar redes sociais. Já o Gephi é um software que permite analisar e criar visualizações de redes. No presente estudo, o NodeXL foi usado para coletar dados diretamente do Twitter, bem como para realizar

análises da estrutura da rede (métricas). O Gephi, por sua vez, foi empregado para gerar visualizações da rede.

4.2 Análise de rede sociais

A análise de redes sociais (ARS) é um conjunto de métricas e técnicas de pesquisa utilizado para descrever a relação entre nós (atores) e suas conexões (arestas) (DEGENNE; FORSÉ, 1999; HANSEN; SHNEIDERMAN; SMITH, 2011; SCOTT, 2013; WASSERMAN; FAUST, 1994). O foco da ARS está no estudo da estrutura dos grupos sociais, buscando identificar as relações entre os atores dos grupos (WASSERMAN; FAUST, 1994). Diferentemente da estatística convencional, a ARS se utiliza de dados relacionais ao invés de atributos individuais. Dados relacionais “são os contatos, laços e conexões, as ligações e pontos de contato do grupo que relacionam um agente a outro e por isso não podem ser reduzidos às propriedades dos agentes individuais” (SCOTT, 2013, p. 3). Por conta desse foco relacional, Wasserman e Faust (1994, p. 5) reforçam que “a unidade de análise [da ARS] não é o indivíduo, mas uma entidade que consiste na coleção de indivíduos e as ligações entre eles”.

A origem remota da ARS estaria nos estudos sociométricos de Moreno e Lewin, aliados a estudos recentes em diversas áreas. Outra contribuição importante é da teoria dos grafos, da qual decorre a representação das redes na forma de nós, que representam os atores, ligados através de conexões (WASSERMAN; FAUST, 1994). Embora a ARS disponha de várias métricas e abordagens para analisar as estruturas das redes, neste trabalho focaremos nas seguintes métricas:

a) Grau de Conexão - O grau de conexão refere-se à “força” da conexão entre dois nós.

O grau de conexão é uma medida numérica, normalmente referida como o somatório de todas as conexões existentes entre A e B. Em redes direcionadas, o grau pode ser desdobrado em conexões recebidas (*indegree*) e conexões enviadas (*outdegree*).

- b) **Densidade** – A densidade “descreve o nível geral de ligação entre os pontos de um grafo” (Scott, 2013, p. 69). Quanto mais densa a rede, mais conectados entre si estão os seus nós.
- c) **Modularidade** - A modularidade é uma medida de rede, de clusterização, de vizinhança dos nós. Ela divide a rede em grupos, de acordo com a força das conexões entre os diversos nós. Nós incluídos em um “módulo” têm conexões mais fortes entre si do que com os demais.
- d) **Componentes Conectados** – O número de componentes conectados se refere ao total de clusters de nós que estão conectados entre si mas separados de outros nós no grafo.
- e) **Coeficiente de Clusterização** – O coeficiente de clusterização mede o quanto conectado estão os nós uns dos outros. “Mais especificamente, é o número de conexões conectando os vizinhos de um nó dividido pelo total de possíveis conexões entre os vizinhos do nó” (Hansen, Shneiderman & Smith, 2011, pp. 72–73).
- f) **Distância Geodésica** – A distância geodésica se refere ao diâmetro da rede, ou à distância entre dois nós.

f).3 Recorte: o acontecimento

O acontecimento que serve como pano de fundo para o presente estudo é o pouco espaço concedido ao exoesqueleto durante a transmissão ao vivo da abertura da Copa de 2014 no dia 12 de junho.

Antes da abertura, foi anunciado que o chute inicial da Copa seria dado por um paraplégico usando um exoesqueleto desenvolvido com pesquisa nacional liderada pelo pesquisador Miguel Nicolelis. Criou-se uma grande expectativa quanto a como seria mostrada essa cena na abertura. Entretanto, durante a transmissão ao vivo na Rede Globo, a cena simplesmente não foi mostrada. Ao invés disso, a emissora exibiu uma tomada do ônibus com a seleção brasileira chegando ao estádio. Algumas horas depois, a emissora se retratou e exibiu a cena do exoesqueleto, dando destaque ao feito.

Segundo o coordenador do projeto, a FIFA teria concedido apenas 29 segundos para a demonstração, dos quais foram usados 16 segundos. O espaço concedido e o utilizado já eram, por si sós, bastante reduzidos. Combinados com a não transmissão ao vivo, abriu espaço para narrativas diversas em torno do acontecimento.

Esse acontecimento é tomado como recorte para o presente trabalho devido a sua importância enquanto acontecimento jornalístico. Diversos veículos abordaram o pouco espaço concedido ao exoesqueleto. Como exemplo, o blog *Pop! Pop! Pop!* da Veja SP traz alguns dos tweets com a repercussão em torno do assunto. O blog *UOL Esporte vê TV*, do portal UOL, também traz tweets com as reclamações dos interagentes por conta da não transmissão da cena ao vivo.

f).4 O recorte do recorte: as narrativas no Twitter em torno do acontecimento

Os tweets analisados neste estudo foram coletados no dia 12 de junho de 2014 usando a ferramenta NodeXL. Ao todo foram obtidas 5.056 conexões (tweets) e 4.129 nós (menções/retweets) a partir de tweets contendo o termo “exoesqueleto”. Dessas 5.056 conexões, 4.822 são únicas (ou seja, alguns usuários postaram mais de um tweet estabelecendo a mesma conexão dentro da amostra). Cada tweet representa uma conexão na medida em que permite que um nó (autor do tweet) seja conectado a outros através de menções ou retweets. Como o assunto estava em intensa discussão na ferramenta no momento da coleta, o recorte compreende um período curto de apenas 30 minutos, entre 16h30 e 17h00 do dia 12 de junho.

Ainda que um conjunto de tweets seja tomado como recorte, o foco do presente estudo recai na estrutura da rede, e não no conteúdo compartilhado pelos usuários. Mesmo assim, alguns exemplos de tweets são mostrados, em caráter ilustrativo.

No conjunto de dados trabalhos, ao todo foram identificados 924 componentes, sendo que 639 possuem uma única conexão. O componente com maior número de conexões

possui 2.487 conexões (pessoas ligadas umas às outras pela relação de menção ou retweet a outras que estão também conectadas entre si).

A distância geodésica máxima entre os nós é de 16 (diâmetro da rede) e a distância geodésica média é de 5,57. Em termos práticos, isso significa que os nós não estavam muito próximos entre si na rede (os usuários estão dispersos). A densidade do grafo é de 0,00023568, ou seja, os nós estão muito pouco interconectados entre si (o número vai de 0 a 1). No recorte, o maior *indegree* é 291 (número de menções recebidas). O maior *outdegree* é 9 (número de tweets feitos). A média do coeficiente de clusterização é de 0,025, o que representa uma baixa tendência à formação de clusters, ou grupos de usuários altamente conectados entre si.

As hashtags mais presentes no conjunto de dados são #Copa2014, com 140 menções, #exoesqueleto, com 133 menções, #GlobonaCopa, com 114 menções e #Brasil2014, com 90 menções. Essas hashtags são em sua maioria descritivas, embora #GlobonaCopa também tenha sido usada para criticar a emissora. Outra hashtag de crítica que pode ser mencionada é #EPICFail, presente em 44 dos tweets analisados.

Dentre os usuários com maior *indegree* no recorte (Tabela 1), temos uma celebridade da web em primeiro, com 291 menções, um blog sobre futebol em segundo, com 158 menções, um jornalista e professor de comunicação em terceiro, com 155 menções, e o portal UOL como quarto usuário mais mencionado, com 142 menções. Logo após aparecem @rede_globo e @miguelnicolelis como quinto e sexto mais mencionados, com 141 e 139 menções respectivamente.

Usuário	Número de menções
@oficialjoao	291
@impedimento	158
@trasel	155
@uol	142
@rede_globo	141
@miguelnicolelis	139
@trivela	118
@drogalizado	106

@varskysports	104
@g1	86
@uolnoticias	68

Tabela 1. Nós mais centrais no recorte (maior grau de conexão *indegree*).

Apenas a observação desses nós centrais já permite inferir algumas características sobre a circulação jornalística em torno do acontecimento. Ainda que alguns perfis de veículos jornalísticos apareçam (como @UOL, @uolnoticias e @g1), também há outros usuários referenciados como fonte de informações (como @oficialjoao e @trasel) bem como blogs de conteúdo esportivo (@impedimento, @trivela). Outra característica interessante da rede é o fato de haver menções a dois dos “personagens” do acontecimento (@rede_globo e @miguelnicolelis). Assim, enquanto UOL e G1 aparecem como fonte ao abordar o pouco espaço concedido ao exoesqueleto na abertura da Copa, a Rede Globo aparece como fonte do problema (por não ter transmitido a cena). Outros atores também são referenciados por seus comentários em torno do tema.

A visualização da rede (Figura 2) foi gerada no Gephi usando o layout Force Atlas. Os nós estão coloridos por modularidade. O tamanho do nó representa o *indegree* – quando maior o nó, mais conexões (menções ou retweets) o usuário recebeu. Os pontos isolados ao redor do grafo representam usuários que postaram tweets sem mencionar outros usuários em suas publicações.

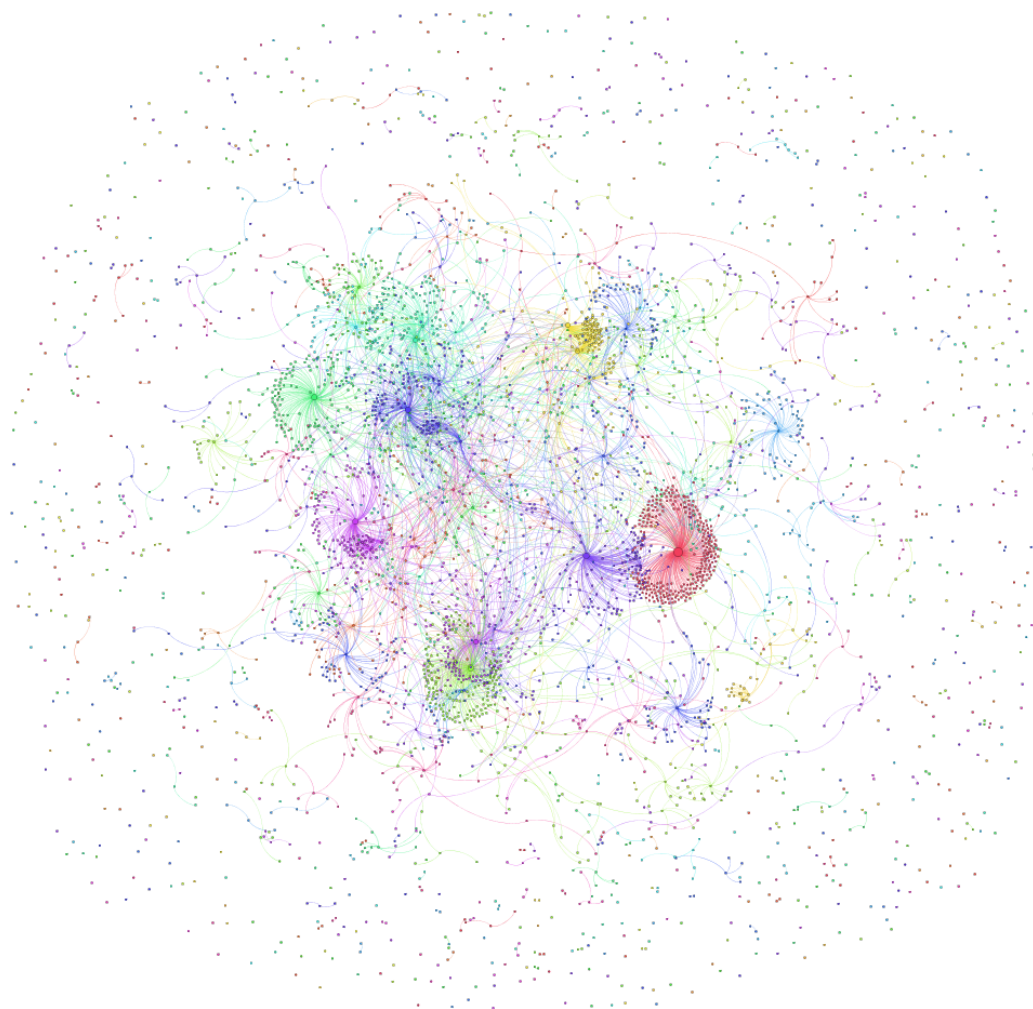


Figura 2. Grafo da rede de tweets, retweets e menções com o tema “exoesqueleto” em 12 de junho de 2014 no Twitter.

Ainda que seja possível identificar vários nós esparsos (pontos isolados nas bordas do grafo), é possível visualizar alguns clusters em torno de usuários com maior *indegree* (agrupamentos coloridos no centro).

Na parte superior esquerda do grafo (em azul e verde) estão as menções a @miguelnicolelis e @redeglobo. Os dois atores foram mencionados principalmente por estarem envolvidos no acontecimento, em tweets como:

Depois de zilhões de comentário no #Twitter, a @rede_globo resolveu mostrar o rapaz com o exoesqueleto #demorou #Copa

RT @marcogomes: Chute do exoesqueleto do @MiguelNicolelis #copa2014
RT @frostbr: tem gif já <http://t.co/rkJnYFRuhQ>

Mais para o lado direito do grafo (em vermelho e roxo) estão os usuários mais retuitados. O hub vermelho é formado principalmente por retweets ao usuário @oficialjoao, como no exemplo abaixo:

RT @OficialJoao: A Globo preferiu mostrar o ônibus entrando no estádio do q o chute do paraplégico com o exoesqueleto. Prioridades..

O hub verde na porção inferior do grafo corresponde ao blog Impedimento. O hub amarelo, acima à direita, também representa um aglomerado de blogs esportivos. O hub em rosa, à esquerda, corresponde ao portal UOL. Os tweets com menções a UOL e G1 foram feitos com links para notícias nos respectivos sites, como nos exemplos abaixo:

Paraplégico chuta bola com exoesqueleto de Nicolelis, mas quase ninguém viu via @UOLNoticias @UOL <http://t.co/87sFFCFgtY>

RT @g1: Paraplégico usa exoesqueleto para chutar bola durante a abertura da Copa; assista ao vídeo <http://t.co/NPj9g6VDJn>

A partir dessa estrutura, é possível perceber que a rede é bastante fragmentada (o que justifica sua densidade bastante baixa, em índice consideravelmente inferior a 1). Mas,

mesmo assim, ela se centra em torno de determinados nós centrais, que receberam destaque ao serem referidos como fonte ou referência da informação. Enquanto uns eram mencionados por seu papel negativo no desenrolar do acontecimento (como no caso de @rede_globo), outros eram referenciados como autor de tweets que obtiveram grande repercussão ao abordar a temática. Dois veículos jornalísticos também se destacam por abordar o tema: UOL e G1.

Essa estrutura permite perceber a complexa relação entre os tweets e retweets sobre um determinado tema. Múltiplos atores podem contribuir para fazer circular e recircular narrativas sobre o acontecimento. Nesse cenário de jornalismo em rede, as relações se tornam mais complexas. Ainda que seja inegável o papel de veículos jornalísticos ao organizar a discussão (com links contextualizando o fato), outros atores também se destacam na narrativa dos acontecimentos no Twitter.

Os sites de rede social também abrem espaço para remixes e ressignificações. Em 08 de julho de 2014, por exemplo, na derrota do Brasil para a Alemanha nas semi-finais da Copa, a temática do exoesqueleto foi retomada antes e durante a partida, quando surgiu a piada de que o jogador Neymar, afastado por uma fratura na coluna, iria aparecer no segundo tempo do jogo usando um exoesqueleto, ou, ainda, um hexaesqueleto, fazendo alusão à possibilidade de o Brasil ser Hexa campeão.

Ainda na mesma ocasião, um dos memes que surgiram buscava relacionar o exoesqueleto com a atuação do jogador Fred: “A rápida presença do exoesqueleto durante a abertura da Copa fez mais que o Fred”, conforme citado no site de Veja.



Figura 3. Remix criado por usuários fazendo referência ao exoesqueleto.

F o n t e :
<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/confira-os-memes-mais-ironicos-sobre-a-derrota-do-brasil>

Essas múltiplas narrativas que circulam em torno de um acontecimento jornalístico contribuem para a construção do que se entende como jornalismo em rede (HEINRICH, 2011; RUSSELL, 2011). Mais do que considerar apenas o que o jornal produz em seus veículos tradicionais, a proposta também busca incluir, como aspectos importantes de serem estudados no processo jornalístico, outros elementos que pairam em torno dos acontecimentos (como retweets, curtidas, comentários e remixes). Ao compartilhar ou comentar uma notícia, o público está contribuindo tanto para o espalhamento da informação (JENKINS; FORD; GREEN, 2013) quanto para determinar a visibilidade das notícias e dos acontecimentos (ZAGO; BASTOS, 2013).

As propriedades estruturais das redes (como grau de conexão dos usuários, modularidade e componentes conectados) trazem pistas para compreender como se dá essa relação entre diferentes nós que compõem a rede do jornalismo em rede.

5. Considerações finais

O trabalho procurou discutir o jornalismo em rede a partir da análise da circulação e recirculação de narrativas em torno de um acontecimento em específico, o pouco espaço concedido ao exoesqueleto na abertura da Copa de 2014.

Ao observar as relações entre os usuários que abordaram o tema no Twitter e os desdobramentos suscitados a partir de um acontecimento em específico, é possível perceber que inúmeros atores contribuem para a circulação e a recirculação de narrativas sobre o acontecimento nos sites de rede social. Ainda que os veículos jornalísticos continuem a ocupar posições centrais na rede de circulação de informações, outros atores também aparecem, demonstrando que há um cenário de transformações.

Ainda que nem todas as produções que circulam nas redes possam ser consideradas produtos jornalísticos, elas contribuem para o processo jornalístico como um todo, na medida em que põem em circulação sentidos associados ao acontecimento jornalístico em discussão. Para compreender o remix da Figura 3, por exemplo, é preciso ter conhecimento de pelo menos dois eventos associados à Copa do Mundo: o pouco espaço concedido ao exoesqueleto na abertura da Copa, de um lado, e a atuação insatisfatória do jogador Fred, de outro. Com mais atores participando do processo de circulação nos sites de rede social, os sentidos se complexificam.

Os processos do jornalismo em rede são mais amplos e afetam o jornalismo para além dos sites de rede social. De qualquer modo, buscar compreender como se dá efetivamente essa relação é um caminho para compreender tais transformações. E a análise de redes sociais pode ser uma via metodológica para atingir tal fim, na medida em que contribui para identificar os nós principais em torno da circulação de um determinado acontecimento.

Referências

AGUIAR, L.; BARSOTTI, A. Mobilizar a audiência: uma experiência contemporânea no jornalismo online. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...**Fortaleza, CE: Intercom, 2012

BARSOTTI, A. **Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador de audiência**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), PUCRio, 2012.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAMUSCA, M.; CARVALHAL, M. Públicos Híbridos em Relações Públicas: Uma abordagem metodológica. In: MOREIRA, E. H.; PONS, M. (Orgs.). **Relações públicas, tecnologia e públicos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013. p. 70–87.

DEGENNE, A.; FORSÉ, M. **Introducing Social Networks**. Londres: Sage Publications, 1999.

ELLISON, N. B.; BOYD, D. Sociality through Social Network Sites. In: DUTTON, W. H. (Org.). **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 151–172.

GAMEIRO, P. As Organizações em Rede. In: **BOCC**, 2008.

HANSEN, D.; SHNEIDERMAN, B.; SMITH, M. A. **Analyzing Social Media Networks with NodeXL**. Burlington, MA: Morgan Kaufmann, 2011.

HEINRICH, A. **Network Journalism**. Londres: Routledge, 2011.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Spreadable Media**. New York: NYU Press, 2013.

MAGALHÃES, D. Papéis do público na produção de conteúdo digital: um estudo de caso da Folha.com. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 9, n. 1, p. 62–77, 2012.

MANCINI, P. **Hackear el periodismo**. Buenos Aires: La Crujía, 2011.

PRIMO, A. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, A. (Org.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 13–32.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RUSSELL, A. **Networked: a contemporary history of news in transition**. Cambridge: Polity Press, 2011.

SCOTT, J. **Social Network Analysis**. 3. ed. Londres: Sage Publications, 2013.

VAN DIJCK, J. **The Culture of Connectivity**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VU, H. T. The online audience as gatekeeper: The influence of reader metrics on news editorial selection. **Journalism**, v. OnlineFirst, p. 1–17, 2013.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: Methods and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

ZAGO, G. **Recirculação jornalística no Twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), UFRGS, 2011.

ZAGO, G. S.; BASTOS, M. T. Visibilidade de Notícias no Twitter e no Facebook: análise comparativa das notícias mais repercutidas na Europa e nas Américas. **Brazilian Journalism Research**, v. 9, n. 1, p. 98–115, 2013.